



Sinopse

"As histórias de @EvaMariaGeni" é um espetáculo que propõe um entrelaçamento entre corp@s, movimentos, imagens e sonoridades através das poéticas tecnológicas digitais. Inspiradas no livro «O Perigo De Uma História Única» (2018), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, a obra aborda os mitos de Eva, os imaginários sobre Maria, as perspectivas da personagem Geni na música de Chico Buarque, assim como os paradoxos que se desdobram a partir dessas concepções. Convoca um olhar atento sobre as questões contemporâneas do "ser mulher", dos seus limiares, seus conflitos, seus anseios. Expõe diversas narrativas feministas e suas lutas num mundo ainda desigual.





IVANI SANTANA

DIREÇÃO E CONCEPÇÃO

Inspirada pelo livro "O Perigo De Uma História Única" (2018), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, criamos o espetáculo *As histórias de @EvaMariaGeni* no intuito de refletir sobre as várias narrativas do "ser mulher". Conforme a autora nos alerta que "A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne uma única história" (2018, p.26). Ou ainda, que a história única "rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum" (2018, p.27). Pautada então pelos mitos e imaginários de mulheres como Eva, Maria e Geni, e ainda, levando em consideração os paradoxos que se desdobram a partir dessas concepções, a obra faz reflexões e provoca questionamentos sobre as mulheres contemporâneas, seus limites, seus conflitos e seus anseios. A concepção do trabalho partiu de discussões sobre a pretensa origem com Eva, mito do amor romântico, ou Lilith, a mulher independente que não se submeteu aos desejos do primeiro homem; refletiu sobre Maria, a virgem imaculada, e Yemanjá, a matriarca que deu vida a todos os orixás; e ainda, por fim, pensar em Geni, a personagem icônica da Ópera do Malandro, de Chico Buarque, a mártir apedrejada, aquela que

denuncia a multiplicidade da corpa feminina como território de dominação, guerra e resistência. Abordamos os aspectos do feminino em suas multiplicidades a partir desses imaginários mas de forma implicada com as histórias de vida de cada mulher desse projeto e tantas outras que encontramos. Ora podemos ver como um espetáculo-denúncia, outra ora como um espetáculo-manifesto, ou ainda, podemos perceber como um grito preso que precisava sair e ecoar, pois é preciso bradar aos 4 cantos para quem quiser ouvir. Assim, atualizamos tais imaginários com o intuito de discutir a mulher de hoje, as mulheres do século XXI. Refletimos e questionamos sobre a maternidade em sua visão romântica, bem como percebemos os tormentos da corpa da mulher-mãe. Discutimos o lugar da mulher solteira, independente, que por um lado é visto como um ápice da solidão, por outro, percebido como a liberdade mais absoluta. Percebemos a corpa da mulher objetificada pelos outros, mas também a mulher se auto-objetificando como forma de empoderamento. Buscamos abordar as várias corpos em suas semelhanças e suas diferenças, compreendendo essa gama complexa de possibilidades, um espectro enorme da condição e natureza de ser mulher. Somos muitas e jamais de uma única história.



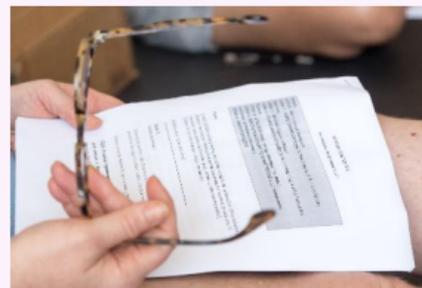
Nossa dramaturgia

Em *As Histórias de @evamariageni* nos propusemos a olhar de frente para os feminismos e suas feridas. Partimos de uma trama mítica entre Eva, Maria e a personagem Geni, da Ópera do Malandro. Está aí um dos nós que nos constitui enquanto humanidade: algumas das bases sólidas do patriarcado. Nos encontramos com a base mítica para tecer uma trama com nossas biografias e materiais documentais. Eva, feita da costela de Adão, e seu duplo, Lilith, mulher feita do barro que não se submeteu aos desejos deste homem branco, fundador de um dos maiores projetos do patriarcado, que é o Cristianismo. Lilith se exilou no mar vermelho, o mar de sangue, salgado como o ferro que gera a vida, e foi considerada o demônio em forma de mulher. Nosso segunda figura mítica exemplar é Maria, a mãe de Jesus, e seu duplo, a Madalena, líder entre os homens apóstolos, a amante de Jesus, que por sua potência se transformou no símbolo da prostituição. O projeto do patriarcado a imortalizou como a pecadora infiel que foi salva por Jesus. Não foi permitido que ela se perpetuasse como sua parceira e como liderança. Esse mito também é a base que nos dá suporte para questionar a hegemonia da branquitude,

afinal as pessoas do oriente médio dificilmente são brancas e de olhos azuis, e, segundo estudos científicos, Jesus foi um homem típico do oriente médio, bem diferente do modelo ariano representado em grande parte das pinturas e esculturas eclesiais. Diferentemente da cultura africana, que nos ensina que Obatalá precisou da ajuda e da força de mulher do pântano de Nanã Buroquê para fazer toda a humanidade, o Cristianismo afirma o homem branco como o grande criador de todas as coisas e sob as quais todas as coisas devem ser subservientes.

Nos recusamos a seguir o curso dessas águas e a seguir defendendo que a existência das mulheres se dá como duplo dos homens, ser mulher é algo complexo e que não se dá somente pela pré existência da vagina e do útero. Este espetáculo inverte o curso deste rio. Ser mulher não é sinônimo de ser mãe e esposa. São muitas mulheres diversas, muitas delas sequer têm útero e menstruam, e neste sentido a personagem Geni, complementa a tríade mítica do espetáculo. As mulheres não são constituídas de uma história única, e nessa unidade mora um terrível perigo, como nos alerta Chimamanda Ngozi Adichie.

Eva Geni Eva MARIA Geni Eva MARIA Geni Eva

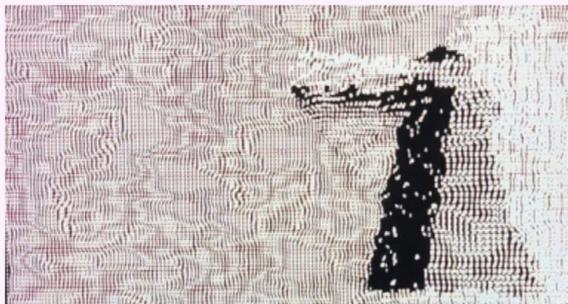


Eva Geni Eva MARIA Geni Eva @EvaMariaGeni



Mediação tecnológica na dança

O espetáculo traz para a cena uma dança em trama com as poéticas tecnológicas oferecendo outras possibilidades de processo de criação, configuração e fruição da obra. Por essa via, as subjetividades foram expostas através de movimentos, imagens, sonoridades e textos tanto no processo de criação, como também no resultado final. As narrativas foram apresentadas pela dança no palco, nas videoperformances, nas corpas digitais e na realidade aumentada. Portanto, "*As histórias de @EvaMariaGeni*" aborda as subjetividades dessas várias mulheres contemporâneas, sempre plurais, para tratar tanto do diverso, como também daquilo que as tornam semelhantes, sendo as poéticas tecnológicas utilizadas como forma de potencializar a construção das diversas concepções deste "ser mulher".



mulher é assediada se
orte de jovem detida por u
s. seu prad... a 2ª vez queria a
que conheceu na internet
a escravidão no Brasil
pro de... vida du
nam em... dia 20,5%

"Há um entranhamento das mídias no nosso fazer. Nossas identificações, no mundo de hoje, estão atravessadas pelo @ na frente dos nossos nomes. Nosso processo criativo é orientado por um blog, que é nosso diário de bordo. Além, claro, de toda a interação nas redes sociais que temos à mão. Estamos lidando com o que está em jogo nesse mundo contemporâneo: seja como facilitador ou não. Essa interação nos faz perceber o lugar da outra e as relações de privilégio, ou não privilégio, que temos na sociedade. Somos mulheres distintas, e o que nos une é a dança. Estamos juntas para contar essa história e construir comunidade", avalia Ivani.





ÁGATHA OLIVEIRA

ARTISTA CRIADORA

Processo intenso e cheio de camadas que possibilitou não somente uma imersão experimental acerca de questões que tem me mobilizado, enquanto mulher cis e artista preta, para os embates diários mas também um movimento de reafirmação do que me fortalece e me inspira. Foi um processo em que as cenas iam sendo construídas de forma fragmentada e aos poucos foram ganhando sentido informadas pelos

atravessamentos e modos como os propósitos de cada uma iam se entrecruzando.

A força desse coletivo feminino vem se revelando na potência da escuta do respeito e de uma parceria de afeto. Um estado de "ser coletiva" que estamos descobrindo enquanto nos apoiamos e nos acolhemos em nossa diversidade e frente às adversidades.





ALINE BERNARDI

ARTISTA CRIADORA

A mulher que se encontra imersa numa sociedade patriarcal, capitalista e com ideários fascistas não é livre. Carrega em sua corpa infinitas marcas de violências, é constantemente perseguida e invadida por um imaginário falocêntrico. Porquê a mulher, que luta por suas liberdades, incluindo a emancipação em relação ao seu prazer, é considerada "puta" nesta sociedade? A música "Geni e o Zepelim", de Chico Buarque, nos trouxe a inspiração para tratar desse tema: a luta pela liberdade sexual das mulheres. Quais são as cicatrizes do prazer da mulher? Por que o índice de feminicídio e de abuso sexual é elevado em nosso país? Onde habitam as perversidades que autorizam a misoginia? Uma revolução sexual é necessária e só é possível a partir de uma transformação do imaginário, das imagens e dos relatos que mobilizam o desejo, como nos alerta Paul B. Preciado. A emancipação dos corpos e das corpas precisa de uma desierarquização genital, de uma paisagem sexual que expande a superfície erótica por toda a pele. Ser feminista é reconhecer a necessidade vital de lutarmos pelas múltiplas corpas mulheres que

inauguram potências expressivas no mundo, que reivindicam sua liberdade de gênero e sua libertação dos binarismos. O binarismo não é capaz de categorizar a força expressiva de nossos desejos, e não contempla a mutabilidade de um corpe vive. A conexão boca-barriga me fez ancorar a multiplicidade do ser mulher nesse processo de criação, desvelando minhas estranhezas, expondo minha selvageria e expressando minha androginia. Para contar nossas histórias de @evamariageni, a boca quer falar a força de um silêncio vital, mover a fome de ser mulher, serpentear as feridas e as dores da sensação de ser invadida. A mulher carrega em sua corpa a força inaugural, só existimos porque mulheres ancestrais a todes nós existiram. Basta de cerceamento, silenciamento, preconceitos, basta de sexismo. O lugar que precisamos ocupar e deixar que a outra pessoa ocupe é o da expressão, e que esta seja infinitamente plural, diversa, múltipla, coletiva e ancestral. Somos muito mais do que conseguimos ver e sentir. Somos TRANS-versais! Sejamós todes feministas, como evoca Chimamanda Ngozi Adichie!





BIANCA ANDREOLI

ARTISTA CRIADORA

Sou uma mulher cis, branca e me tornei mãe aos 30 anos. Ser mãe é uma convocação política: conversar e educar minha filha são propósitos inseridos no meu cotidiano. Durante o processo de criação, conversamos sobre nossos propósitos, experiências de vida e nossos feminismos. Entre-tecemos a co-criação de um 'padlet' que reuniu inspirações conceituais, textuais, algumas metáforas de eva, maria e geni, músicas, vídeos, imagens que nos levaram a um 'DEVIRtual'.

No espetáculo, um dos meus propósitos é saber que posso dar voz às mulheres que vieram antes de mim e não puderam falar, muitas que foram silenciadas e mortas.

Outro propósito movente é aguçar os sentidos dos espectadores para ouvir novas vozes feministas e refletirem sobre o mundo em que vivemos.

Tem uma cena no espetáculo que conta fatos recentes sobre abusos e feminicídios e outra sobre a estatística de mortes de pessoas trans no Brasil. O contrário destes horrores é a sororidade. Penso na oportunidade de estar em cena com outras mulheres com a corp@ aberta para dançar e gestar histórias que pouco são contadas. As histórias das mulheres da minha família, por exemplo, são ricas em subversões e transgressões. Conteí desde o início do processo que gosto de rezar e de inventar rezas. A cena das Marias é uma cena que retrata e reflete sobre muitas mulheres onde foram feitos laboratórios intensos de improvisações para chegarmos à complexidade do sagrado e do profano neste universo feminino. Quem são essas Marias?





LÍGIA TOURINHO

ARTISTA CRIADORA

O patriarcado foi criando modos de controle sobre as danças, tendo seu ápice na idade média, quando pelos seus poderes de convocar os devires do corpo, matéria que nos garante existência, foram banidas da experiência espiritual, de muitas práticas sociais e restritas aos bailes e jantares, impondo um potente projeto coreográfico de controle do corpo e dos modos sociais. Nosso compromisso está em convocar as muitas danças de cada uma das mulheres envolvidas nesta obra para contribuir com essa roda de mudança. Danças essas que não estão vinculadas aos modelos hegemônicos curatoriais em voga. Danças essas que dialogam diretamente com as tecnologias e com elas faz poética.

Nenhuma mudança será possível se não começar pelo nosso imaginário e desejamos contribuir com essa mudança e somar forças a essas lutas. Adentrar nessa temática tem consequências e esse projeto nos apresentou muitos desafios que nos ensinaram novas alternativas para seguirmos juntas, nos fez imaginar diferentes possibilidades de lidar com conflitos do dia a dia e de nos apoiar antes de qualquer decisão. Saímos deste processo diferentes de como o iniciamos e desejamos que esta obra seja um convite a sonhar outros futuros possíveis.

Ficha Técnica

Direção e Concepção: **Ivani Santana**

Artistas Criadoras: **Ágatha Oliveira, Aline Bernardi, Bianca Andreoli e Ligia Tourinho**

Direção de Produção e participação especial: **Laura Addor**

Produção Executiva: **Rúbia Vaz**

Artista Colaboradora: **Gabriela Luiz**

Arte Sonora: **Raquel Lázaro**

Iluminação: **Zé Geraldo**

Fotos: **Carol Spork**

Técnico de som: **Ramon Castellano**

Técnicos de Luz: **Cristiano Teodoro**

Cenografia: **Ivani Santana**

Cenógrafa e Figurinista: **Clarice Rito**

Assistência de figurino e cenário, costura e cenotécnica: **Fátima Leo**

Assistente de costura: **Maria Fernanda de Souza**

Videocenografia e Registros em Vídeo: **Peterson Pessoa**

Artistas convidadas para videoperformances: **Ana Milena Navarro; Brenda Urbina;**

Marcela C. Trevisan; Marlúcia Ferreira; Mary Vaz; Nina Caetano e Sarah Marques

Assistência de cena: **Clarissa Monteiro e Isabela Nishitani**

Concepção e direção das poéticas tecnológicas: **Ivani Santana**

Coordenador equipe de tecnologia: **Luiz Felipe Ribeiro**

Pesquisadores de tecnologia: **Marcelo Eiras e Leonardo Nascimento**

Pesquisador e operador de poéticas tecnológicas: **André Luiz Soares**

Escultura Sonora "Bichami": **Ivani Santana**

Modelagem Realidade Aumentada: **Mariana Rosado**

Programação Realidade Aumentada: **Maxwell B Moreira**

Diagramação do Site: **Rômulo Augusto Vieira Costa**

Projeto Gráfico: **Emerson Ferreira e Nativu Design**

Assessoria de Imprensa: **Matheus Vieira**

Redes sociais: **Beatriz Callado**

Podcast: **Flavia Muniz**

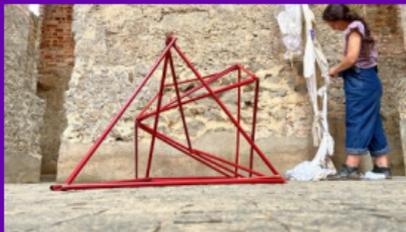
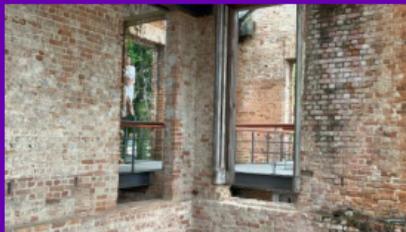
Poeta do Slam de divulgação: **Raulf Jatobá**

Audiodescrição: **Cinema Falado Produções / Maria Thalita de Paula**

Processo de criação

O processo criativo foi de grande intensidade, pois o dia-a-dia de cada uma já se configurava como a própria temática da obra. O exercício da sororidade foi importante a todo instante ao longo do desenvolvimento da obra, pois precisávamos sustentar umas aos outras para poder dar conta da vida acelerada e sobrecarregada que vivemos. Vários sistemas digitais foram utilizados para arquivar e registrar estudos de textos, de movimento, de imagem e de som. Uma banco de ideias enorme foi sendo tecido pelas colaborações e reflexões de cada participante, permitindo que iniciássemos o projeto com a obra pronta no nosso imaginário e planejamento. Nos ensaios presenciais buscávamos dar existência e concretude dos estudos nas corpos, o banco de ideias e as reflexões prévias ajudavam na construção dessa corporeidade trabalhada em laboratórios de improvisação.

Quatro etapas foram então fundamentais: a preparação desse banco de ideias antes mesmo da chegada do elenco, os estudos a partir dele com toda a equipe, a criação através das improvisações e, por fim, a experiência da mediação tecnológica para o desenvolvimento da poética digital. A partir do processo de propósitos que Ivani Santana desenvolve para suas criações, cada bailarina buscou encontrar seus verbos de ação e seus direcionamentos para execução de sua dança sempre aberta ao improviso, ao mesmo tempo que muito rigorosa para sua feitura. Convidamos outras 7 artistas para participar do projeto com uma videoperformance, pois nos interessava que o atravessamento de outras narrativas e outros questionamentos sobre o tema também nos atingisse. Tivemos a honra de contar então com a participação de mulheres de outros estados do Brasil bem como da América Latina.





Concepção da cenografia

Ivani Santana

Toda a cenografia partiu da ideia de trançar o cabelo, um ato que remete tanto ao feminino como também ao tempo. Compreendendo as tranças como aquilo que nos liga a ancestralidade, tranças que nos reorganizam, pareceu muito importante ser também aquela que nos liga entre o real e ficcional. A cenografia não se limita a cena, ela escorre do palco e percorre a platéia, e assim, a multiplicidade de subjetividades é estendida às mulheres de todo teatro. As tranças logo deram corpo para o que ficou nomeado cascata por todas nós. Elas foram transformadas nas águas, no rio da vida se segue seu fluxo. Em cena demonstramos que as vezes é importante reverter esse caminho, invertê-lo para

outro possível fluir, pois o que segue talvez não devesse mais seguir. Borrando as fronteiras do que seria o espaço artístico, o público é convidado a participar da obra desde sua chegada no foyer onde bailarinas buscam um eterno (des)equilíbrio e são atravessadas pelas poéticas digitais que potencializam suas corpos. Em alusão a constante (re)construção do mundo e de nós mesmas, das nossas subjetividades a cada dia retrabalhadas, uma escultura sonora denominada Bichami transita pelos espaços lembrando sempre que estamos todos, todas e todes conectadas em uma rede dinâmica que se dobra, redobra e desdobra a cada dia.



Cenógrafa e Figurinista

Clarice Rito

Neste trabalho, eu visto a cena com derramamentos. O cenário vira personagem, que dança com essas mulheres, derramando fragmentos emaranhados de histórias pessoais, a partir de elementos domésticos - roupas de cama e de dormir, panos de prato e de chão, roupas, peças íntimas, retalhos e mais retalhos encharcados de vivências femininas. Os corpos das bailarinas, vestem um nú de pele - carne viva e ossos aparentes -, o questionamento existencial, a estranheza de si, as dores iminentes ao "ser mulher", dentro e fora de casa; mas também a delicadeza, a sensualidade, a denúncia e, em especial, a luta. Corpos que reverenciam a sabedoria

ancestral, a resiliência e a resistência. É extremamente especial fazer parte de um projeto que grita "BASTA!", num momento histórico como o que vivemos! Porque, sim, estamos tocando numa mesma tecla de assuntos absurdos que levaram anos para se enraizar e, portanto, levarão anos para serem ceifados de nossa cultura. Hábitos-ervas-daninhas, que precisam ser debatidos criticamente, à exaustão. Mas este projeto também grita "VAMOS?!". Convoca a repensarmos passado, presente e futuro. Evoca mudanças. É assim que escuto e sinto. E vou junto!



LAURA ADDOR

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO E PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

Ser mulher. Estar em comunhão com outras mulheres. Criar juntas. Sustentar as estruturas. Dar as mãos. Rir juntas, gozar juntas. É urgente bagunçar e reverter o fluxo das "normalidades impostas na sociedade" e é fundamental fazermos isso juntas. São séculos de opressão, que carregamos ancestralmente nas costas. Chega de patriarcado, chega de machismo; todas nós merecemos mais e lutaremos sempre na intenção de construir um mundo mais justo, mais fraterno e mais humano, para honrar nossas ancestrais, para criar solo fértil em que cresçam e floresçam os pensamentos, sonhos e desejos de nossas crianças, para que todas sejamos realmente LIVRES para expressar nossas verdades.

Me sinto forte e honrada de pertencer a essa revolução com minhas companheiras. Sendo o braço que, em conjunto, amassa o barro, constrói as vigas e ergue esse edifício potente, belo, real e coletivo chamado EvaMariaGeni. Como dizia a grande Emma Goldman: "Se não posso dançar, não é minha revolução", dancemos pois, para fazer girar a roda da vida. Afinal, citando outra mulher grandiosíssima, Conceição Evaristo: "eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer" e mal sabiam eles, ao tentar nos enterrar, que somos todas sementes e semeadoras.

Ivani Santana

Artista e pesquisadora em dança, dedicando-se à mediação tecnológica desde 1990. Pioneira no Brasil em pesquisa de dança telemática via redes acadêmicas avançadas de telecomunicações. Desde 2019, dedica-se à relação da dança com a realidade virtual. Em 2022, apresentou suas instalações ECOS de Dança em Realidade Virtual e Itaara (Mozilla Hub) em Portugal, França e Colômbia. Idealizadora e membro da conexão Mulheres da Improvisação e da rede LATINA(S)CÊNICAS - Rede Latino Americana de Tecnologias e Intermedialidades nas Artes da Cena. Líder do Grupo de Pesquisa Poéticas Tecnológicas: corpaudiovisual. Professora do Departamento de Arte Corporal (DAC) da UFRJ e permanente no Programa de Pós-Graduação em Dança da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (UFBA). Realizou Pós Doutorado no Sonic Arts Research Centre (Reino Unido, 2012/13); recebeu bolsa CAPES de Professora Visitante (2018/2019) para o projeto Simon Fraser University e University British Columbia (2018/2019). Autora dos livros: Corpo Aberto: Cunningham, dança e novas tecnologias (SP:FAPESP/EDUC, 2002) e Dança na Cultura Digital (BA:FAPESB/EDUFBA, 2006) e organizadora do caderno "Estados da Dança: entrevistas, relatos e ensaios de criadores contemporâneos" (Salvador: GIPE-Cit/PPGAC/UFBA, 2006).



Ágatha Oliveira

Natural de Salvador, Bahia, é uma mulher cis preta não retinta, mãe, dançarina, candomblecista, preparadora corporal e professora nos cursos de Dança do Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física da UFRJ. Suas pesquisas acadêmicas e artísticas tem atravessado a interface entre estudos da performance, das danças afrodiáspóricas, a atuação e criação de mulheres negras na dança.



Ligia Tourinho

Atriz e Artista da Dança carioca. Pesquisadora das Artes da Cena com enfoque nas dramaturgias do corpo, nas práticas somáticas e feministas. Analista do Movimento (CMA). Professora do Mestrado em Dança e das graduações em Dança e Direção Teatral da UFRJ e da Pós-graduação em Laban/Bartenieff da Faculdade Angel Vianna. Integrante da Conexão Mulheres da Improvisação e do Celeiro Moebius.



Aline Bernardi

Carioca, mulher latino americana e umbandista. A androgenia tem me convocado a vestir outras peles. Artista transdisciplinar: performer, escritora, preparadora corporal, professora e pesquisadora de artes do corpo e da cena, com interesse nos trânsitos entre a dança e a escrita no processo criativo, com ênfase em estudos de improvisação e contato improvisação. Diretora do selo artístico Celeiro Moebius; criadora e proponente do Laboratório Corpo Palavra. Mestre em Dança no PPGDan/UFRJ e pós-graduada no PCA/FAV. Formação avançada em Performance no C.E.M. em Lisboa. Curadora e artista do Entre Serras Residências Artísticas. Autora do livro-performance Decopulagem.



Clarice Rito

Formada em Indumentária e Cenografia pela UFRJ, trabalha como artista transdisciplinar e tem como assinatura a artesanaria, a poesia da reutilização de refugos e a explicitação das características essenciais dos materiais. De 2008 a 2015, integrou a equipe de figurino do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Trabalhou em propaganda, em curtas metragens, na TV Globo, em expografias e eventos, em espetáculos de teatro e dança.



Bianca Andreoli

Carioca, artista da dança (SPDRJ), graduada em fisioterapia com especialização em terapia através do movimento pela Faculdade Angel Vianna (FAV), soma 20 anos de experiência como instrutora do método Pilates e participa do processo formativo de facilitadores de Movimento Autêntico (CIMA). Artista criadora do selo Celeiro Moebius. Trabalhou em teatros musicais, shows, filmes e programas de tv como dançarina e integrou por 10 anos a Laso Cia de dança.



Laura Addor

Produtora, atriz e professora. No fluxo dos encontros entre os mares da cultura com os rios da educação, Laura navega agregando artistas e educadores, produzindo espetáculos, com leveza e ludicidade. Nossa diretora de produção constrói os laços entre todas as partes que, juntas, criam a magia em cena. Formada em Cinema e Pedagogia; já atuou em diversos projetos audiovisuais como séries e filmes e, além de professora, é Diretora de Produção do selo Celeiro Moebius. Trabalhou também como produtora em espetáculos, peças e vários eventos no Brasil, tais como o Rock in Rio, Jogos Mundiais Militares e Jogos Olímpicos Rio 2016.



Agradecimentos

Alcir Trajano, Alexandre Palma, Ana Cristina Alves de Carvalho, Ana Emerich, Ateliê Fátima Leo, Bruno Bernardi, Carol Natal, Cassia Monteiro, Cida Donato, Cimara Matos, Daniel Argente, Débora Christina Muchaluat-Saade, Denise Freitas, Diego Dantas, Elze Maria Barroso, Erika Neves, Fábio Maschieto Donato, Felipe Ribeiro, Flávio Lauria, Frank Wilson, Giselda Fernandes, Glória Bernardi, Ima Andreoli Figueiredo, Ivan Alves, Kátya Galuter, Leozão, Luiza Borges, Manuela Kemper, Márcio Alanbert, Marcos Edom, Maria Theresa Campos, Maxwell Burke Moreira, Mery Horta, Mirela Andreoli, Nelson Freitas, Pedro Pedruzzi, Puri Matsumoto, Regina Miranda, Richard Riguetti, Rita Freitas, Rosângela Pereira, Sérgio Amadei, Soraya Jorge, Tatiana Aires, Vanessa Guimarães, Bar e Restaurante Os Ximenes, Befran MC e Eletrica Gurgueia, Centro de Artes Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Municipal Parque das Ruínas e Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro.

APOIO
INSTITUCIONAL



PPGDAN
UFRJ

CENTRO
COREOGRÁFICO

TEATRO
GONZAGUINHA

CENTRO
DE ARTES
CALOUSTE
GULBENKIAN



APOIO
CULTURAL



REALIZAÇÃO



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

AS HISTÓRIAS DE

@EvaMariaGemi

Ela é prática que gosta de fazer coisas com as mãos e gosta de cuidar das coisas que ela cria.
Ela é humilde e gosta de ajudar os outros.
Ela tem força para superar qualquer dificuldade.

Como nos dias de hoje, ela também gosta de cuidar da comunidade.

Elas são as mulheres que cuidam da casa e da família.
Elas são as mulheres que cuidam da comunidade.
Elas são as mulheres que cuidam da vida.

Elas são as mulheres que cuidam da vida.
Elas são as mulheres que cuidam da comunidade.
Elas são as mulheres que cuidam da casa e da família.

Elas são as mulheres que cuidam da vida.
Elas são as mulheres que cuidam da comunidade.
Elas são as mulheres que cuidam da casa e da família.

Elas são as mulheres que cuidam da vida.
Elas são as mulheres que cuidam da comunidade.
Elas são as mulheres que cuidam da casa e da família.